

Parte III:

IRROMPE UMA EXPERIÊNCIA DA SALVAÇÃO. EMERGE UMA IMAGEM DE DEUS

Capítulo 6

A experiência cristã de Deus no contexto do Feminismo

Introdução

A experiência é justamente o ponto de partida para uma nova compreensão do mistério de Deus em nossa vida, para uma nova prática e uma nova linguagem. No contexto do feminismo, irrompe uma experiência de Deus, enraizada no horizonte hermenêutico da tradição cristã já inculturada, influenciada pela nova consciência das mulheres. Porém, dada à diversidade de situações concretas do feminismo e do cristianismo, falamos de uma realidade complexa, de experiências plurais; e, sublinhamos que os distintos contextos estão marcados por caminhos de emancipação e libertação das mulheres, que provocam uma mudança das realidades sócio-culturais, centradas no masculino.

Nesse capítulo, interessa-nos apontar alguns traços fundamentais presentes em múltiplas experiências cristãs, influenciadas por esses caminhos emancipatórios e libertários. Em primeiro lugar, distinguiremos em que sentido a Teologia Feminista se refere à experiência de mulheres. Em segundo, focalizaremos a reflexão teológico-feminista da experiência cristã das mulheres: suas lentes antropológico-teológicas, sua leitura da experiência de Deus, seja nas experiências de libertação ou de contrastes, como nas de criação positiva de um

novo conviver humano. Em terceiro lugar, nos ocuparemos de alguns eixos bíblico-teológicos referenciais para a experiência cristã de todos os tempos, mas que, na Teologia Feminista, são relidos no entrelaçamento com percepções do feminismo. São os caminhos da Sabedoria, marcados pela perspectiva libertária e inclusiva, mística e ética.

1. Experiência das mulheres?

Se sempre que falamos de experiência, precisamos especificar de que tipo se trata¹, isso também é válido para o tema da experiência das mulheres. Em nosso caso se trata da experiência da fé, ou da experiência cristã de Deus; um dos temas mais complexos na Teologia Feminista. Não vamos aqui abordar todo o conhecimento que já se construiu sobre isso, nem entrar nas muitas discussões. Queremos apenas sublinhar alguns elementos importantes para uma compreensão da experiência de Deus no contexto do feminismo, tendo presente que toda experiência seja ela da mulher ou do homem é sempre já interpretada.

Em *primeiro lugar*, os elementos que influem na experiência são múltiplos, e provenientes de diversos fatores da história pessoal e do contexto sócio-cultural. Daí a impossibilidade de universalizar experiências concretas de mulheres, tendo por base um único elemento, seja a sexualidade, o corpo, ou algumas das funções atribuídas às mulheres, como por exemplo, a maternidade enquanto cuidado e educação dos filhos e filhas.

Em *segundo lugar*, nosso ponto de partida não são as mulheres numa visão universalista, ou tendo como referência um ou outro aspecto mais comum, seja ele biológico ou histórico. São as mulheres influenciadas por um movimento histórico político, que é ao mesmo tempo cultural. Embora o feminismo não constitua um bloco monolítico, mas ao contrário, uma pluralidade de realizações concretas, está centrado em práticas e em teorias relativas à emancipação e libertação das mulheres, dentro de uma perspectiva de transformação global dos sistemas

¹ MORA, J. F. Experiencia. In: ____ **Diccionario de Filosofia**. Barcelona: Ariel, 1994, v. 2, 1181-1187, aqui, 1186.

estruturais e simbólicos, e não mediante um ajuste de algumas mulheres a um padrão excludente.

Em *terceiro lugar, ponto de partida* não significa exclusividade, não significa privilegiar a experiência de um grupo seletivo de mulheres como se elas se encontrassem em situações melhores para uma autêntica experiência de Deus. Ao contrário, a *nova consciência* das mulheres à luz do feminismo é largamente inclusiva. O que agora emerge de forma explícita e coletivamente articulada não está ausente no passado e em lugares aonde os ares do feminismo ainda não sopraram. No decorrer da história, as mulheres, embora tenham introjetado padrões do feminino patriarcal, mantiveram e mantêm na sociedade e na Igreja um conflito permanente, na medida em que resistem e provocam mudanças. Além disso, com a nova consciência, não significa que as ambigüidades desapareceram. Ao contrário, o feminismo é um movimento que também vai se formando e se transformando, discernindo caminhos em meio a antigas e novas ambigüidades.

Por isso, a Teologia Feminista não parte sem mais da experiência feminina, reforçando a cultura patriarcal; mas também não separa a experiência feminista atual, como experiência transformadora, da experiência de todas as mulheres do passado e do presente.

2.

A experiência das mulheres no olhar teológico-feminista

2.1.

Lentes antropológico-teológicas

A maioria das Teologias Feministas da Libertação não se fundamenta em nenhuma das posições antropológicas extremas – *essencialismo* ou *construtivismo*². O essencialismo ou o universalismo refere-se à idéia de uma natureza essencial das mulheres que gera uma palavra universal sobre elas, fundamentada em características consideradas como parte inerente ao ser feminino. Em contraste com o essencialismo, as teorias do *construtivismo*

² TEEVAN, Donna. Challenges to the role of theological anthropology in feminist theologies. *Theological Studies* 64 (2003) 588-597.

proclamam que a identidade da mulher é histórica e culturalmente determinada. Há, porém, uma variedade de posições que se situam entre essas visões extremas³.

Teologicamente, o ser humano, marcado pela sexualidade, tem sua origem na ação criadora de Deus, que nos faz mulher e homem à sua imagem e semelhança. Não obstante, como imagem e semelhança de Deus, somos criadas/os co-criadoras/es, não só do mundo como habitação humana, mas sobretudo co-criadores de nós mesmas. Ao mesmo tempo nós nos recebemos de Deus construindo-nos. Os modelos concretos de nossas identidades, o *como* realizamos nossa vocação de co-criadoras/es são sempre culturais, e não podem ser absolutizados. A própria tradição bíblico-cristã testemunha múltiplas “inculturações” da revelação sobre o ser humano. Por exemplo, quando o autor bíblico afirma que fomos criados – mulher e homem – imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27), a interpretação teológica do que seja essa imagem e semelhança é mediada pela cultura da época, por uma concepção concreta de mulher e homem⁴.

A tradição cristã sempre afirmou que essa imagem e semelhança se realizaram plenamente em Cristo. E que nós, mulheres e homens, criados a imagem e semelhança de Deus, somos chamados a tornar- nos imagem e semelhança de Cristo. Porém, ao longo da história cristã, a interpretação do humano como imagem e semelhança de Deus, e como imagem de Cristo recebeu distintas interpretações.

O significado da metáfora “imagem e semelhança” de Deus, no contexto da tradição cristã, não é unívoco; ao contrário, recebeu significados diversos em inculturações distintas. Também aparece com significados ambivalentes. Por um lado, no contexto patriarcal e dentro de uma visão dualista, foi encaminhado para reafirmar o controle dos homens sobre as mulheres; por outro, nos movimentos de ruptura do patriarcado, tem sido encaminhado para afirmar a plena humanidade das mulheres e a igualdade entre os sexos⁵. No contexto da Teologia Feminista,

³ JONES, Serene. **Feminist Theory and Christian Theology**: cartographies of Grace. Minneapolis: Fortress Press, 2000, 26.

⁴ Sobre o tema da Imagem de Deus no livro do Gênesis, cf. BIRD, Phyllis A. La differenziazione sessuale e l'immagine divina nei racconti della creazione del Genesi. In: BÖRRSEN, kari Elisabeth (org.). **A immagine di Dio**: modelli di genere nella tradizione giudaica e cristiana. Roma: Carocci, 2001, 15-39.

⁵ Sobre as interpretações da imagem de Deus / imagem de Cristo no Segundo Testamento e na

trata-se de uma metáfora fundamental para a afirmação de que as mulheres são plenamente humanas; e, em relação aos homens, imagens equivalentes de Deus⁶.

É praticamente unânime na teologia atual a preocupação com a superação dos dualismos antropológicos herdados, sobretudo da inculturação grega. O significado do ser humano - mulher e homem – imagem de Deus, imagem de Cristo recebe nova configuração teológico-cultural. A Teologia Feminista se insere nesse caminho de superação dos dualismos, explicitando com mais atenção uma nova compreensão do humano, como mulher e como homem.

As posições dentro da Teologia Feminista são diversificadas, não vamos aqui percorrer os diversos modelos antropológicos nelas utilizados. Ressaltamos apenas alguns pontos importantes que são comuns em muitas teólogas⁷:

- uma valorização dos corpos, como corpos sexuados distintos na construção das identidades, mas sempre entrecruzados com múltiplos fatores em contínua formação e transformação, ligados à experiência pessoal e a contextos sócio-históricos, nos quais influem elementos políticos, econômicos, culturais, religiosos e outros. As características sexo/gênero, são consideradas uma faceta básica, dinâmica, que não pode ser negada, mas sempre articuladas com uma série de outras diferenças interdependentes.
- uma visão unitária, que valoriza igualmente as múltiplas dimensões do humano associadas ao biológico, ao psíquico-afetivo, ao racional-espiritual; à autonomia e à interdependência; ao individual e ao social.
- uma perspectiva relacional de mutualidade, que integre autonomia e interdependência. A afirmação de si implica uma afirmação dos demais; e, a afirmação dos demais implica uma afirmação de si. Para as mulheres, culturalmente educadas a viver para os outros e a sacrificar-se

tradição cristã posterior, ver BÖRRSEN, kari Elisabeth (org.). **A immagine di Dio**, 2001.

⁶ Sobre o tema da “imagem de Deus...” na antropologia-teológica feminista, ver: HILKERT, Mary Catherine. *Cry Beloved Image: Rethinking the Image of God*. In: GRAFF, Ann O’Hara. **In the embrace of God: feminist approaches to theological anthropology**. New York: Orbis Books, 1995, 190-205; RUETHER, Rosemary Radford. **L’“imago Dei”**, la tradizione cristiana e l’ermeneutica feminista. In: BÖRRSEN, kari Elisabeth (org.). **A immagine di Dio**, 155-283.

⁷ HINZE, Christine Firer. Identidade no debate teológico feminista. **Concilium** 285 (2000/2) 130-139. Donna apresenta os principais modelos antropológicos utilizados na Teologia Feminista católica: TEEVAN, Donna. Challenges to the role of theological anthropology, 584-586.

continuamente em função dos demais, significa conceber seu ser para os demais em caminhos de afirmação da mutualidade.

- uma visão da identidade humana da mulher (e do homem) como algo simultaneamente recebido da ação criadora de Deus e construído por nós. Essa pressuposição é válida tanto para o tema da *subjetividade*, do *corpo*, das *diferenças sexuais* e das *relações*.

A *subjetividade*⁸ é influenciada pelo meio, incluindo, práticas, linguagem, representações etc., e não constituída e determinada por ele, como afirmam as posições pós-modernistas extremas. O *corpo* com sua especificidade sexual, por um lado não representa um determinismo biológico na construção da identidade, mas a construção histórica da identidade parte da realidade do corpo. O mesmo ocorre com as *relações*. Somos naturalmente interconectados, inter-relacionados, mas nossas relações são simultaneamente construção histórico-cultural. No âmbito dessa visão, não cabem oposições binárias, entre natureza/cultura, corpo/mente.

A partir desses pressupostos, a Teologia Feminista tematiza a experiência de Deus nas experiências das mulheres; que, por um lado, internalizaram e foram moldadas pelo padrão do feminino patriarcal; por outro, elas resistiram e provocaram mudanças. Com o feminismo e nele a nova consciência histórica, muitas mulheres não só chegaram a articular coletivamente experiências de rupturas sócio-culturais e religiosas, como também colaboraram para uma nova consciência desse fato ou dessa possibilidade na vida de uma multidão de mulheres. Com essa nova consciência, a experiência cristã de Deus também é vivida como nova experiência interpretada de salvação.

A Teologia Feminista, na sua pluralidade, sublinha a experiência de Deus, influenciada pelo feminismo, nas experiências de sofrimento, de resistência, de caminhos de mudança e de libertação, mas também em experiências de participação positiva na vida.

⁸ A noção de subjetividade aqui se refere “pensamentos conscientes e inconscientes, emoções do indivíduo, sentido de si e os caminhos de compreensão em sua relação com o mundo”. Cf. TEEVAN, Donna. Challenges to the role of theological anthropology in feminist theologies, 589.

2.2. A experiência de Deus *nas experiências de contraste*⁹

Por experiência de contraste, entendemos aquelas experiências que afetam a todos os seres humanos - desde que mantenham um mínimo de sensibilidade diante dos demais - seja diante de um mundo marcado por contradições: por um lado, o bem, o amor, a beleza; por outro, uma gama enorme de sofrimentos causados por injustiças, abuso do poder, maldade, ódio, pecado; seja diante de situações desumanizadoras que nos afetam pessoalmente. A indignação provoca um *não* a tudo o que desumaniza e gera sofrimentos, e um *sim*, fundado na esperança que gera atitudes e práticas transformadoras. A partir da fé, as pessoas dão um sentido religioso a essa experiência fundamental. Para os cristãos, esse sentido é dado a partir de Jesus Cristo¹⁰.

Apesar das situações distintas, a vida das mulheres dentro de sociedades *kiriarcais* é marcada por experiências, não só de conformismo, de subjugação ou mesmo de participação ativa nos mecanismos de domínio, mas é igualmente marcada por experiências de contrastes que provocam mudanças sócio-culturais e religiosas, e um renascimento humano na vida pessoal¹¹. As particularidades da situação das mulheres, da realidade social, étnica e assim por diante, determinam diversos contornos dessa experiência. Porém, no contexto intercultural do feminismo, tais distinções se entrecruzam.

As distinções são múltiplas. Por exemplo, a experiência no contexto da vida das *mulheres empobrecidas* (como de pessoas em situações melhores, mas solidárias e comprometidas com a justiça) onde as preocupações centrais são a *sobrevivência*, o ponto de partida é a experiência que gera resistência e solidariedade diante de situações desumanizadoras¹². Deus é experimentado, prioritariamente, como presença solidária e libertadora, que anima e sustenta o

⁹ Um dos principais teólogos que utiliza a categoria da experiência de contraste é Schillebeeckx. Cf. SCHILLEBEECKX Edward. **História humana da revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994, 21-23. E. Johnson faz uma leitura dessa categoria numa ótica teológico-feminista. JOHNSON, Elizabeth. **Aquela que é**: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino. Petrópolis: Vozes, 1995, 97-106. Outras teólogas usam outras expressões – experiência de opressão-libertação, ou unicamente experiência de libertação – mas em todas elas envolve uma experiência de sofrimento, que gera indignação, nova consciência e mudanças.

¹⁰ E. Schillebeeckx. SCHILLEBEECKX Edward. **Historia humana da revelação de Deus**, 21-23.

¹¹ JOHNSON, Elizabeth. **Aquela que é**, 97-102

¹² Sobre a tematização da experiência das mulheres na América Latina, cf. AQUINO, M. P. **Nosso clamor pela vida**: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher. São Paulo: Paulinas, 1996.

clamor pela vida, as práticas de solidariedade, os esforços para sobreviver, e as iniciativas para estabelecer caminhos de justiça. O pecado¹³, como não ao amor criador de Deus, se traduz, ao nível estrutural, em sistemas de opressão e, ao nível pessoal, na falta de colaboração, dentro das possibilidades concretas de cada pessoa, para gerar mudanças e criar situações de vida mais digna para si e para os demais. Porém, é nas pessoas com mais possibilidade concreta para colaborar que a não colaboração solidária se manifesta como negação da graça. O pecado também se visibiliza num cristianismo ideologizado, que legitima, reforça e oculta a experiência de mulheres e homens, encaminhando-as para manter as desigualdades em suas diversas formas: econômicas, políticas, culturais, sexuais e étnicas.

Nos setores sociais penetrados pela racionalidade moderna, onde o feminismo não só conscientiza para a *autonomia*¹⁴, como também para o compromisso solidário com o caminho das mulheres mais pobres, numa perspectiva cristã, Deus é experimentado como presença de afirmação de caminhos de liberdade, e de autonomia conectados com caminhos de solidariedade. O pecado, como não ao amor criador de Deus, se manifesta tanto na negação de si, da própria autonomia, como na falta de colaboração em caminhos de transformação e solidariedade. O pecado também se manifesta num cristianismo, encaminhado para manter diversas formas de subjugação.

Um aspecto importante para o feminismo cristão tem sido não só a conscientização da realidade estrutural do pecado e da experiência da graça em caminhos de transformação macro-política e econômica, mas a conscientização de que a experiência da graça para as mulheres se traduz, também, no desenvolvimento do amor próprio, na afirmação humana de si, da auto-estima. Culturalmente, fomos formadas para servir, para esquecer de nós mesmas, e para viver inteiramente para os outros. Porém, esse servir e esse viver para os demais

¹³ Cf. diversas abordagens teológico-feministas sobre “pecado e graça” em SCHERZBERG, Lucia, **Pecado e graça na Teologia Feminista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

¹⁴ Dentre as mais importantes teólogas que tematizam a experiência da salvação como experiência de busca de autonomia destacamos Judith Plaskow, teóloga judia, cuja obra principal relacionada ao tema é: PLASKOW, Judith. **Sex, Sin, and Grace: women's Experiense Theologies** of Reinhold Niebuhr and Paul Tillich. Washington: University Press of América/ D.C, 1980. Elidabeth Moltmann sublinha a experiência da fé na experiência das mulheres de recuperação do amor próprio, e da auto-estima, na valorização ao mesmo tempo da autonomia e comunhão, produção e carinho. Cf. sobre a teologia de Elidabeth Moltmann em SCHERZBERG, Lucia. **Pecado e graça na Teologia Feminista**, 49-63.

só se torna um (com)viver humanizador, evangélico, quando não alimenta subserviências; ao contrário, quando cria relações justas, igualitárias e recíprocas entre os seres humanos. Embora isso também seja válido para os homens, particularmente os que não são valorizados na sociedade, é relevante para as mulheres, dada a tradição cultural que ao longo da história educou-nos a ser submissas e serviçais.

As experiências de contrastes, no entanto, não são apenas experiências históricas de mudanças, de renascimento, mas também são as experiências de fracasso histórico radical dos crucificados, das vítimas (mulheres e homens). Assim como todas as teologias, a Teologia Feminista tematiza essas experiências à luz da experiência de Jesus Cristo crucificado¹⁵. Não vamos aqui entrar na Teologia Feminista da cruz. Apenas sublinhar que a Teologia Feminista, em diálogo com outras teologias atuais, procura recuperar uma linguagem que seja menos inadequada para falar do mistério de Deus nos infortúnios do mundo: um Deus que não provoca sofrimento, não nos abandona em nossas dores, atua para que sejamos libertos/as de todas as formas de desumanização que nos aflige, e se faz plenamente solidário em nossos sofrimentos, garantindo-nos uma esperança que não falha. Como muitos teólogos, as teólogas feministas criticam as interpretações distorcidas da ação de Deus no sofrimento do mundo, as imagens de um Deus que “permite” os sofrimentos em vista de algum desígnio específico desconhecido para nós e as ideologizações da teologia da cruz que servem para manter relações de subserviência e uma visão fatalista do mundo.

Os ensaios de uma teologia feminista da cruz se inserem criticamente na linguagem do *Deus solidário e sofredor*. Por um lado, criticam tanto a interpretação que enfatiza a solidariedade mas torna ambígua a imagem de Deus – um Deus impotente e vítima - como o uso ideológico dessa teologia e seus prejuízos para as mulheres; por outro, enfatizam que o símbolo de *Deus sofredor* pode ser libertador por dois motivos: em primeiro lugar, porque evoca um Deus que se faz solidário com o sofrimento do mundo; em segundo, porque suscita

¹⁵ Indicamos apenas alguns textos teológicos feministas sobre a cruz: SÖLLE, Dorothee. **Sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1996; RANKKA, Kristine, M. **Women and the value of Suffering: An Aw(e)ful Rowing Toward God**. Minnesota: MG, 1998; JOHNSON, Elizabeth. **Aquela que é**, 348-385.

atitudes e práticas de solidariedade compassiva, e evoca um Deus que atua para que superemos as forças que destroem a vida¹⁶.

Por fim, o hoje da experiência de Deus na vida das mulheres faz emergir o discurso teológico que colabora para uma nova linguagem de Deus como presença criadora, inclusiva, solidária e libertadora, e como afirmação de uma nova humanização das mulheres e dos homens. Também faz emergir um novo olhar para a tradição da fé, descobrindo nela a mesma presença, que sempre suscitou, impulsionou e acompanhou caminhos de emancipação das mulheres, e de relações justas e amorosas, mesmo em contextos sócio-culturais que eram sistematicamente hierárquicos. É esse novo olhar, presente de forma dispersa na experiência, que é articulado na Teologia Feminista, como crítica de um cristianismo imerso no patriarcado, como recuperação da experiência histórica das mulheres no conjunto da tradição cristã e como colaboração para uma nova linguagem religiosa e teológica.

2.3.

A experiência de Deus como afirmação de um (com)viver múltiplo, unitário, relacional

Uma das raízes do surgimento do feminismo está exatamente na percepção de que os caminhos de emancipação e libertação dentro da visão masculino-patriarcal nem incluíam a todos, nem abarcavam as múltiplas dimensões da realidade implicadas no processo. Essa linearidade resultava em prejuízo para as mulheres e para homens não enquadrados na visão dominante. Por isso, o feminismo vai se tornar um movimento articulador de uma nova consciência do caráter múltiplo, unitário e relacional da vida e dos processos históricos.

Muitas correntes feministas fundamentam essa tendência do feminismo atual na experiência histórica das mulheres. Sublinham que, apesar do fato de terem vivido em sociedades *kiriarcais*, apesar de terem introjetado padrões

¹⁶ Para Torres Queiruga, sem uma nova formulação do problema do mal e uma nova compreensão do poder em Deus, as teologias que enfatizam o *Deus sofredor* não superam o antigo dilema, segundo o qual poder e bondade são irreconciliáveis em Deus. Sobre a temática, cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus**: Por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 181-264.

androcêntricos, elas contribuíram mantendo conflitos e provocando mudanças, mas também gestando uma cultura e uma sociedade mais integradoras das múltiplas dimensões da vida. A raiz desse modo de viver das mulheres estaria no fato de que elas sempre mantiveram uma forte ligação com os processos da vida.

Outras preferem partir do contexto atual do feminismo. A consciência sobre o fato de que a libertação e a emancipação das mulheres implica uma mudança global teria sido o mais relevante para o desenvolvimento de uma visão mais integradora que dá relevância a várias dimensões: econômica, política, sexual, cultural, religiosa, etc.

À luz da fé, essa experiência de emancipação e libertação de forma múltipla, interligada e unitária recebe um sentido teológico; é vivida como experiência de Deus. Sua graça nos capacita e nos anima, pessoalmente e coletivamente a encaminhar as múltiplas dimensões de nossa vida - a sexualidade, a religião, a política, a economia - ao amor que cria justiça, igualdade, reciprocidade.

Dada a nossa finitude, e também às resistências de nosso egoísmo, enfrentamos dificuldades para um viver integrador e unitário, encaminhado ao verdadeiro amor. Esse fato implica, necessariamente, um contínuo discernimento. Não conseguimos cuidar bem das diversas dimensões básicas da vida, nem encaminhá-las para relações de amor verdadeiro, sem tensão. Essa dificuldade normal agrava-se no contexto de sistemas de domínio que mantêm uma situação radicalmente injusta.

A Teologia Feminista tematiza de distintas formas essa experiência de Deus, que afirma uma vida integradora centrada em relações de amor verdadeiro. Por exemplo, a partir da experiência do corpo, de ser corpo: símbolo de uma concepção integradora da vida, de afirmação positiva de todas as dimensões humanas; e, espaço de relações. Também surgem as reflexões a partir do cotidiano, outro símbolo de uma vivência que integra as múltiplas dimensões da vida na experiência de Deus, que transforma e gera relações igualitárias. Também tematiza a experiência de Deus na participação da atual tarefa de construção de uma nova ética em meio às tensões de hoje, focalizando o olhar múltiplo e relacional.

À luz dessas e de outras experiências em terrenos de libertação, a Teologia Feminista reinterpreta a tradição da fé, sublinhando que Deus se revela como amor que a todos inclui, e em nós atua, para que encaminhemos todas as dimensões da vida na linha do amor que cria igualdade e reciprocidade. Na medida em que a Teologia Feminista focaliza uma libertação inclusiva, revaloriza a tradição da Sabedoria, porém não sem uma apropriação feminista.

3. Os caminhos da Sabedoria, como paradigma da experiência de Deus

3.1. Um caminho inclusivo

A partir dos anos setenta, a Teologia Feminista voltou sua atenção para as tradições sapienciais bíblicas. O grande interesse brotava do fato de que hokmah/Sophia serviu de fundamento para as comunidades judaicas pós-exílicas, e também foi utilizada pelas comunidades cristãs para falar de Deus, e mais tarde de Jesus, em imagens femininas, extraídas de tradições fortemente reprimidas de deusas no ambiente bíblico e de imagens de mulheres israelitas. Posteriormente, surgiram questionamentos críticos em relação ao uso feminista da tradição sapiencial bíblica, que pareceram contrárias ao “Evangelho dos pobres” e à tradição profética¹⁷. Esses questionamentos tiveram por base estudos bíblicos nos quais se afirma que escritos sapienciais pós-exílicos surgiram para fornecer aos membros masculinos da sociedade, abastada e instruída, orientações para viverem com sabedoria. Além disso, ainda hoje círculos sociais privilegiados são receptivos à toda espécie de “sabedoria”.

Porém, segundo Silvia Schroer, essa aversão à teologia sapiencial se fundamentou na pesquisa exegético-teológica que considerou o centro da revelação e da fé, os profetas, a história e o Êxodo, deixando as tradições criacionais e sapienciais relegadas ao segundo plano. E, por influência da teologia

¹⁷ SCHROER, Silvia. A justiça da Sophia: tradições sapienciais bíblicas e discussões feministas. *Concilium* 288 (2000/5) 69-80.

dialética, criou-se uma oposição entre criação/sabedoria e história/libertação/redenção, com base nos trabalhos mais antigos de Gerhard von Rad¹⁸.

Mas, ao contrário, sublinha que as tradições criacionais e sapienciais, fortemente unidas, também estão conectadas com as tradições proféticas. A ordem baseada na criação é a mesma indicada pela Sabedoria e defendida pelos profetas: uma ordem que implica realização da justiça. Além disso, as tradições criacionais e sapienciais sublinham a universalidade de Deus e partem do que pode ser por todos experimentado: o mundo criado ou a vida do dia a dia¹⁹.

Todavia, tanto as tradições sapienciais como as proféticas são plurais e ambas também recebem interpretações dentro do *ethos* patriarcal bíblico. Além disso, se hoje persistem usos ideológicos da “sabedoria”, o mesmo ocorre com outras tradições, inclusive a profética. Porém, para a própria Bíblia a sabedoria encaminhada para manter injustiças é falsa²⁰. Uma redescoberta das tradições sapienciais em caminhos libertadores se torna, então, um dos centros teológicos hermenêuticos mais importantes da reflexão teológica feminista.

No vocabulário bíblico e no discurso religioso contemporâneo, a palavra “sabedoria” tem um duplo significado: evoca ora um modo de vida das pessoas, ora uma representação da Divindade (ou ambas ao mesmo tempo). Em nenhuma das duas acepções constitui um patrimônio exclusivo das tradições bíblicas, senão que aparece no imaginário e nos escritos de todas as religiões conhecidas. É transcultural e inter-religiosa. Refere-se a um conhecimento prático que se obtém na experiência e na vida cotidiana, porém também do estudo da criação da natureza humana. As duas acepções do termo, o de um modo de vida (sabedoria) e o de personificação feminina da Divindade (Sabedoria) possuem uma importância fundamental para a experiência cristã feminista²¹.

“A sabedoria é um estado da mente e do espírito humanos que se caracteriza por uma profunda clarividência e uma certeza perspicaz. É apresentada como uma qualidade que possuem as pessoas sábias, porém que também é fruto da experiência popular. A sabedoria é o poder de discernimento, de inteligência

¹⁸ Id. **Wisdom has built her house**: Studies on the Figure of Sophia in the Bible. Minnesota: MG, 1996, 1- 41.

¹⁹ Id. A justiça da Sophia, 70-73.

²⁰ Ibid., 75-79.

²¹ FIORENZA, E. S. Los caminos de la Sabiduría, una introducción a la interpretación feminista de la Biblia. Santander: Sal Terrae, 2004. 40-41.

profunda, de criatividade; é a habilidade de mover-se e dançar, estabelecer associações, saborear a vida e aprender da experiência”²².

A sabedoria é adquirida ao longo da vida, equivocando-se e recomeçando. É uma percepção do todo que não perde de vista o particular, nem o relativo, nem a dificuldade das relações. A sabedoria capta a complexidade e persegue a integridade das relações. Não é uma disciplina especializada, nem um campo particular de estudos. É uma noção radicalmente democrática, pois não requer estudos prolongados nem educação formal. Pessoas sem estudo algum podem adquirir sabedoria e pessoas altamente estudadas podem carecer dela²³.

Para as feministas é ainda mais fascinante a idéia da Sabedoria como representação da Divindade em forma feminina. Mas sobre isso, trataremos no último capítulo. Por enquanto focalizaremos a sabedoria/Sabedoria paradigma da experiência cristã que surge em terrenos de libertação e emancipação e dentro de uma cultura sistêmica. A sabedoria/Sabedoria como Símbolo da Unidade na Variedade rumo a relações íntegras.

3.2. ***Sigo no caminho da justiça (Pr 8,20)***

A tradição sapiencial oferece a visão de uma ordem justa, que engloba o todo, a esfera social e cósmica, a individualidade e a sociedade. A ruptura da justa ordem, na esfera das relações inter-humanas, quebra a harmonia do todo. Essa visão sistêmica oferece um impulso extraordinariamente provocativo para a Teologia Feminista, a qual surgiu de uma experiência que foi descobrindo a necessidade de caminhos de justiça, que incluam múltiplos aspectos da realidade e as diversas formas de relação. Embora a compreensão da ordem social justa pudesse estar inscrita dentro de uma ordem hierárquica, a fé em Deus criador desautoriza qualquer injustiça que fere as criaturas (Pr 14,31; 17,5; 22,2), todas elas criadas no amor e para o amor²⁴.

²² Ibid., 41.

²³ Ibid., 41.

²⁴ SCHROER, Silvia. **Wisdom has built her house**, 1-7.

Sabedoria e justiça não se excluem mutuamente, ao contrário, estão intimamente relacionadas. O tema central da sabedoria dos Provérbios, de muitos Salmos e do livro de Jó é a conduta de vida dos justos, em oposição a dos pecadores e estultos²⁵. O livro da Sabedoria começa com o versículo: “Amai a justiça, vós que governais a terra”. O justo é dotado de sabedoria: “A boca do justo fala sabiamente e sua língua enuncia o direito” (Sl 37,39; cf. Pr 10,31)²⁶.

“A sabedoria é imprescindível para se conhecer o direito, para se falar retamente, para se viver de maneira correta (Pr 1,2); 8, 1-21). Na legislação concreta se manifesta, segundo Dt 4,5s, a sabedoria e a inteligência de um povo (cf. Jr 8,8-9). O dom da sabedoria é exigido sobretudo dos reis, a quem compete fazer justiça aos pobres e miseráveis (Pr 8,15). Isso se aplica tanto a Salomão (1 Rs 3,28) como ao ansiosamente esperado justo no dia da salvação que há de vir (Is 11,1-10). Em lugar destas figuras de reis, em textos pós-exílicos aparece a *Hokmah* personificada em forma de mulher, como anunciadora da justiça”²⁷.

A sabedoria do Primeiro Testamento é inseparável da *idéia* de uma ampla e justa ordem e do *agir* com Justiça. Frequentemente, os conceitos israelitas de *sedeq/sedaqah* referem-se a aspectos sociais da justiça, mas abrangendo também outras esferas de ordens divinas do mundo, inclusive as ordens do cosmo e da natureza. Os livros sapienciais estão interessados na reta ordem das relações sociais e de outras ordens básicas do mundo (Cf. Jó 24 e Eclo 34,24)²⁸.

Assim como a sabedoria, também a profecia foi utilizada de forma ideológica: surgiram os falsos profetas e a falsa sabedoria dos prepotentes, associada à riqueza e à elite intelectual. A pretensiosa e orgulhosa sabedoria dos sábios e ricos profissionais é, na própria literatura sapiencial, sempre de novo questionada em nome de Yahweh (Pr 3,7; 28,11; Jó 37, 24; cf. também Is 5,21). A autêntica sabedoria está nos pequenos (Pr 11,2). Os astutos caem no malogro (Jó 5,12), transformando a sabedoria em ignorância (Is 4, 25). Uma sabedoria que distorce o direito pela mentira, e despreza Deus, não é sabedoria (Jr 8,8s)²⁹. A interpretação feminista da Bíblia também critica a cooptação da sabedoria a serviço de uma hierarquia masculina, e de um monoteísmo androcêntrico.

²⁵ Ibid., 3-6.

²⁶ Id., **A justiça da Sophia**, 73.

²⁷ Ibid., 74-75.

²⁸ Ibid., 74-75.

²⁹ Ibid., 76-77.

3.3.

O Movimento Inclusivo de Jesus

Jesus se insere nessa tradição de crítica à sabedoria dos prepotentes, com um forte componente de crítica à sociedade e ao poder, com a bem-aventurança dos “pequeninos”: “Eu te louvo, Pai Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Mt 11,25s; cf. Lc 20, 21, baseada em Sb 10,21)³⁰.

Na primeira era cristã, as mais antigas lembranças e interpretações teológicas palestinas da vida e morte de Jesus entenderam-no como o mensageiro de Sofia e mais tarde como sendo ele próprio a Sofia. A compreensão da atividade e da morte de Jesus em termos de Sofia-Deus lança suas raízes na vida de Jesus, que provavelmente se entendeu como Profeta e Filho de Sofia³¹.

Jesus realizou um movimento renovador dentro do judaísmo. Proclamou a graciosa bondade da Sofia-Deus criador, que ama todos em Israel, sem exceção, sobretudo os pobres, os indigentes e as prostitutas. Esse caráter inclusivo do movimento de Jesus permitia que mulheres e homens, das mais diversas procedências - pobres e ricos, impuros (para o culto) e os mais estritos observadores da Tora - fizessem parte do grupo de discípulos e discipulas³².

Os extratos mais antigos dos Evangelhos afirmam que Jesus reclamou a *Basiléia* para três grupos distintos de pessoas que, para os setores judaicos mais privilegiados da época, não estavam incluídos como destinatários da *Basiléia*: os empobrecidos, os doentes, e os pecadores³³.

No ministério de Jesus, Deus é experimentado como amor gratuito e, por isso, inclusivo. Faz o sol brilhar e a chuva cair igualmente para justos e pecadores (Mt 5,45). Um Deus de benevolência e bondade que aceita todos e suscita justiça e bem-estar para todos sem exceção. A proclamação da bondade ilimitada de Deus, se manifestou na pregação e na prática da *Basiléia*: curas, exorcismos e na comunidade de mesa inclusiva.

³⁰ Ibid., 77-78.

³¹ FIORENZA, Elizabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992, 168.

³² Ibid., 133-190.

³³ Ibid., 153.

Através das parábolas, Jesus justifica sua prática inclusiva, sobretudo a de receber e comer com “os pecadores” e os marginalizados (Lc 15,2; cf. Mc 2,16b). A parábola do credor que graciosamente perdoa as dívidas dos que não podem pagar, enfatiza que pecadoras e pecadores podem ser admitidos no movimento de Jesus. Através da comparação dupla do pastor que busca a ovelha perdida e a da mulher que busca sua moeda perdida, Jesus mostra o agir de Deus para não deixar fora da salvação nenhuma pessoa³⁴. A parábola da Basileia dos “trabalhadores na vinha” (Mt 20, 1-6) articula a igualdade de todos a partir da bondade graciosa de Deus. Desafia os ouvintes à solidariedade e à igualdade com “os últimos” em Israel.

As mais antigas tradições de Jesus perceberam esse Deus de bondade graciosa numa *figura* de mulher como a divina *Sofia* (Sabedoria). O dito “A Sofia é justificada por todos os seus filhos” (Lc 7, 35) provavelmente teve sua origem na comunidade de mesa praticada por Jesus com coletores de impostos, de prostitutas e pecadores³⁵.

Na sucessão dos mensageiros da Sofia, Jesus é perseguido e assassinado: “Eis que a sabedoria de Deus disse: ‘Eu lhes enviarei profetas e apóstolos; eles matarão e perseguirão alguns deles’” (Lc 11,49). Em outra passagem, lamenta a rejeição e o assassinato de seus enviados, os profetas, que são enviados a todas as gerações para proclamar a bondade graciosa e a justiça de Deus ao povo de Israel: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados...” (Lc 13,34)³⁶.

Jesus suscitou um círculo de discípulos e discípulas que haveriam de continuar o que Ele fez, formando uma “comunidade de iguais”, e realizando uma só e mesma práxis de inclusividade e igualdade³⁷.

A fórmula batismal citada por Paulo em Gl 3,28, para a Teologia Feminista, é paradigmática da experiência cristã, pela sua visão de uma comunidade onde as diferenças sexuais, étnicas, culturais, não se transformam em desigualdades, em discriminação, em hierarquia, mas em oportunidades para uma fecunda reciprocidade. Também representa uma confissão da ação de Deus em

³⁴ Ibid., 164-165.

³⁵ Ibid., 166.

³⁶ Ibid., 169.

³⁷ Ibid., 170.

todos os grupos, comunidades humanas, sociedades; não obstante as forças de dominação que existem, Deus está presente no mundo, suscitando em toda parte relações de justiça e de mútua cooperação, no reconhecimento das diferenças, até que seu amor *seja tudo em todos*.

3.4.

Amigas/os de Deus e Profetizas/Profetas

Essa frase do Livro da Sabedoria é citada com frequência na Teologia Feminista. Elisabeth Johnson é uma das teólogas que desenvolveu o tema no âmbito da teologia sistemática. Seguiremos aqui sua reflexão.

A Sabedoria que cria e vivifica o mundo natural, também realiza no mundo humano a salvação, conduzindo os oprimidos à liberdade, estabelecendo a justiça e ensinando, a quem quer que queira, os caminhos que conduzem à vida. “Quem quer que me encontre, encontra a vida” (Pr 8, 35). Suas ações gratuitas alcançam o coração humano, formando quem a acolhe dentro de uma comunidade de sabedoria.

“Como ela é única, pode tudo:
permanecendo em si mesma, renova o universo
e, ao longo dos tempos, passa nas almas santas
para formar amigos de Deus e profetas” (Sb 7, 27).

Em todos os tempos, desde o princípio da humanidade, o poder do Espírito impregna o coração humano e a consciência, despertando o fogo da afeição para o mistério divino e a chama da compaixão onde quer que a injustiça esteja destruindo o amor³⁸.

Amigas/os de Deus: ligados por um relacionamento recíproco, que se caracteriza por profunda afeição, alegria, confiança, deleite, resistência na adversidade e participação na vida. Conhecendo e deixando que cada um seja conhecido numa intimidade que flua em atividades comuns; como em Abraão “amigo de Deus”, tão claro como a água reflete a face, assim um coração reflete o

³⁸ JOHNSON, E. **Friends of God and prophets**: a feminist theological reading of the communion of saints. New York: Continuum, 1999, 40.

outro na amizade, o perfume do incenso alegra o coração, mas a doçura da amizade é sempre maior. No relacionamento da amizade com Sofia-Deus, o amor e a amizade fluem através do mundo, nas pessoas, criaturas vivas, estruturas sociais, todos tão envolvidos pela compaixão divina.

Profetas: para comunicar com a vida e com palavras “a boa nova aos oprimidos, estimular os corações feridos, proclamar liberdade aos cativos e libertar os prisioneiros, proclamar um ano de favores do Senhor”. Para criticar, em nome do Senhor, porque passionalmente ligados na amizade, cada qual em seu coração, ama o que Deus ama. Diante de situações injustas para com as pessoas e para com a terra, os profetas são movidos para falar a verdade do poder sobre a injustiça, criando então possibilidades para a resistência e a ressurreição³⁹.

O símbolo e a tradição de experiências da Sabedoria sugerem que a amizade e a profecia são inerentes ao relacionamento do próprio Deus com o mundo.

“Há uma alegria no modo como ela atua no mundo natural; há um grande regozijo no modo como ela encontra aqueles que procura e lhes ensina os seus caminhos; há uma felicidade profunda no modo pelo qual ela prepara o alimento e põe uma mesa farta, convidando em toda parte para que todos venham alimentar-se. A festividade e a abundância são sinais de bênçãos que são sua dádiva primordial da vida”⁴⁰.

Ao mesmo tempo, o mundo amado está sendo destruído pela injustiça, ignorância e ambição. “Eu caminho” - ela declara - pela senda da justiça, e ando pelas veredas do direito” (Pr 8,20). E, tal procedimento é característico por sua inspiração. Entretanto, há certa fúria no modo como ela caminha em passos largos levantando sua voz nas ruas, nos mercados, nas casas da cidade e nas muralhas, interpelando a todos. Essas ações estão associadas a suas bênçãos de vida, agora ofertadas por meio de interpelações. Sua figura enreda-se num caminho primordial do significado de *amigo e profeta*. Deleitando-se no bem, e denunciando o mal. Aqueles a quem ela consegue tornar *amigos de Deus e*

³⁹ Ibid., 41.

⁴⁰ Ibid., 41-42.

profetas são marcados por este modo de viver, regozijam-se tanto com a festa da alegria, como atuam para transformar o que no mundo está destruindo a vida⁴¹.

Como o mundo inteiro é criação de Deus, a vida em sua rotina é mediação da experiência do mistério da sagrada Sabedoria. O campo da práxis dos amigos de Deus e profetas se estende a todos os âmbitos, no cotidiano, em todos os espaços, privados e públicos, e não só no santuário.

As várias Igrejas primitivas de diferentes modos identificaram Jesus como profeta da Sabedoria, promessa de nova vida para todos os corações enfraquecidos. O Evangelho de João o confessa como a Sabedoria encarnada na história. Procurando e encontrando, alimentando e fortalecendo, ensinando e iluminando, criticando e confortando, brilhando como a luz na escuridão. A vida de Jesus incorpora os seus caminhos no mundo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 4,6)⁴².

Jesus é amigo da Sabedoria, deleitando-se em estar com as pessoas, e declarando em parábolas a compaixão, fazendo exorcismos e ceias festivas, afastando os poderes do mal. Ele estende a amizade divina aos desterrados e pobres através da mesa da compaixão, sendo ele mesmo amigo dos cobradores de impostos e pecadores. Em seu círculo, as novas relações funcionam de acordo com mútuos serviços de amizade, e não com subserviências. Na verdade, a mudança começa em Jesus: “Não mais sereis chamados servidores... mas, amigos”. Ungido pelo Espírito, este Profeta de Nazaré da Galiléia ergue sua voz passionadamente para conduzir os duros de coração que deturpam e destroem a vida.

Ungidos pelo mesmo Espírito, os discípulos, judeus e gregos, homens e mulheres, são enviados para anunciar profeticamente a boa nova da vitória da vida até os confins da terra. São convocados a ouvirem os clamores de Cristo-Sabedoria nos clamores das pessoas injustiçadas, aliando seus esforços à criação de Deus e ao trabalho da redenção, para estabelecer a ordem justa das relações no mundo⁴³.

⁴¹ Ibid., 42.

⁴² Ibid., 43.

⁴³ Ibid., 44.

O significado de “amigos de Deus e profetas” está elucidado pela idéia desenvolvida por David Tracy referente a duas formas clássicas de expressão na tradição religiosa, denominadas *manifestação* e *proclamação*. A primeira está ligada às experiências humanas de participação positiva na vida, a partir da qual enfatizamos o simbólico, o místico, o caráter ascético de relacionamento com o divino. Deus na felicidade, na amizade. A segunda diz respeito à experiência humana de contraste, e enfatiza o despertar de uma conduta histórica, política com ênfases éticas. Uma manifesta a graciosidade entre Deus e o mundo expresso na encarnação. A outra dá ênfase à descontinuidade sentida no sofrimento da cruz e suas conseqüências na ressurreição. Embora tanto uma quanto à outra tenda a predominar, ambas interagem na história das comunidades religiosas e das pessoas, complementando-se na realização positiva da vida, e criticamente liberando o amor⁴⁴.

Conclusão

A raiz primeira de uma nova inculturação está na iniciativa permanente de Deus, que em todos os tempos e em todos os lugares faz todo o possível para se autocomunicar, a fim de que cada ser humano, ao se dar conta de seu amor, alcance a plena humanização de si, colaborando para a humanização de todos. Esta é também a raiz da inculturação da fé no contexto do feminismo: uma experiência da presença atual de Cristo que suscita essa nova consciência das mulheres, a partir da qual foi possível fazer explodir costumes e linguagens que já não colaboram para a humanização no amor, e portanto, não refletem a ação criadora de Deus.

A Teologia Feminista emerge dessa experiência e a reflete. Suas lentes antropológico-teológicas são formadas por uma visão antropológica feminista integradora e sistêmica que valoriza natureza e cultura em suas múltiplas dimensões e sublinha uma relacionalidade centrada na mutualidade.

Com essas lentes antropológicas focaliza a experiência de Deus nas experiências de contraste, que geram um renascimento humano das mulheres e os

⁴⁴ TRACY, David. **The Analogical Imagination:** Christian Theology and the Culture of Pluralism. Now York: Crossroad, 1981, 193-229.

caminhos de um mundo mais igualitário. Deus é experimentado como presença criadora que impulsiona caminhos de emancipação e libertação, capacitando-nos a encaminhar as múltiplas dimensões de nossa vida ao amor que cria justiça, igualdade e reciprocidade.

Cada inculturação relê a tradição no seu todo com lentes novas, criticando muitos aspectos, recuperando elementos submersos ou marginalizados, e sobretudo desenvolvendo e ampliando uma ou algumas tradições. Na própria Escritura e na tradição posterior, encontramos essa mesma dinâmica. Cada inculturação é, portanto, seletiva, não só acentua elementos, ampliando-os, prestando menos atenção a outros, como também prioriza certas referências fundantes.

Com o feminismo cristão não é diferente. Interpreta toda a Escritura com lentes novas, mas prioriza a tradição da Sabedoria como fonte inspiradora da experiência atual e como uma das principais chaves hermenêuticas para a interpretação do movimento de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. A cristologia feminista, predominantemente, é uma cristologia enraizada nas tradições da Sabedoria. Além disso, é tida como a referência bíblica mais importante para uma nova linguagem sobre Deus, na recuperação teológica do símbolo feminino, no âmbito de uma ampla revisão de nossas imagens de Deus.